

Esqueça tudo o que pensa saber da história.
Feche os livros oficiais e esqueça a imprensa tradicional
e faça o que fizer, nunca acredite no que o Governo disser.

A Ascensão do Quarto Reich revela a verdade
sobre o poder no mundo.

Nesta revelação explosiva, o lendário Jim Marrs explora a hipótese
assustadoramente real de que uma ideologia perversa, que se
pensava ter sido derrotada há mais de meio século, está na
verdade, a prosperar. No fim da Segunda Guerra Mundial, os
oficiais Nazis, juntamente com os seus fanáticos, usaram o saque
da Europa para criar grandes empresas de fachada em muitos
países. Trouxeram com eles armas de tecnologias milagrosas,
que ajudaram inclusivamente a ganhar a corrida espacial dos
americanos aos russos. Mas trouxeram também as suas
ideologias Nazis, baseadas na premissa autoritária de que o fim
justifica os meios – o que inclui guerras sem provocação,
agressões e limitação das liberdades individuais.

Jim Marrs reuniu provas de peso, do esforço que tem vindo a
ser feito nos últimos 60 anos, para implementar o Nacional
Socialismo moderno, criando em essência, um novo império
– o “Quarto Reich”!

“Jim Marrs não pode ser ignorado. Poucos na América gritam
mais alto a verdade do que ele”. – *Dallas Observer*



O Nacional Socialismo nunca morreu.
Renasceu e está prestes a tomar posse.

A ASCENSÃO DO QUARTO REICH JIM MARRS

Autor bestseller do New York Times

JIM MARRS



A ascensão DO quarto Reich

**As Sociedades Secretas que ameaçam
tomar conta da América**

“Extremamente arrepiante, bem documentado... Jim Marrs é brilhante”
– Richard Belzer, Rádio Air América

LUX-CITANIA

introdução

O TERCEIRO REICH DE ADOLF HITLER ACABOU A 30 DE ABRIL DE 1945.

O estrondo reverberou de uma tempestade de artilharia russa que estava a bombardear a capital. No dia antes, juntamente com as munições que caíam por toda a parte, o fuehrer, que a esta altura da Segunda Grande Guerra se encontrava confinado ao seu bunker subterrâneo, sob a Chancelaria do Reich, recebeu más notícias. As novidades eram que o seu parceiro no Eixo, o ditador fascista italiano Benito Mussolini, tinha sido capturado por forças paramilitares da resistência Italiana. Mussolini e a sua amante, Clara Petacci, tinham sido executados e os seus corpos foram pendurados de cabeça para baixo, numa piazza de Milão. Estas notícias eram particularmente perturbadoras para Hitler, que apenas algumas horas antes havia casado com Eva Braun, numa pequena cerimónia civil, dentro do *Fuehrerbunker*.

Hitler já tinha jurado antes nunca ser capturado vivo, e tinha pedido aos seus oficiais para que o seu corpo e o da sua esposa não fizessem de "espectáculo perante os Judeus, para diversão das suas massas histéricas". Fez preparativos óbvios para o fim do seu reinado. Distribuiu cápsulas de veneno às suas secretárias e mandou envenenar Blondi, o seu cão alsaciano favorito. Os seus outros dois cães foram abatidos.

Ditando o seu derradeiro testamento, afirmou, “Eu e a minha mulher – para escaparmos à desgraça da deposição ou capitulação – escolhemos a morte”. Ordenou que os seus corpos fossem cremados de imediato. Mas Hitler, um condecorado soldado da Primeira Guerra Mundial e um duro lutador político, deixou claro que, tanto ele como as suas filosofias, não deveriam desaparecer tranquilamente do mundo. Hitler acrescentou, “o sacrifício dos meus soldados e a minha união com eles até à morte, irá surgir na história da Alemanha como a semente de um radiante renascimento do movimento Nacional Socialista e, assim, como a concretização de uma verdadeira comunidade de nações”.

Hitler cumprimentou então uma fila de subordinados, apertando as suas mãos e murmurando inaudivelmente. A Frau Traudl Junge, uma das secretárias presentes, relembra os olhos de Hitler, que “pareciam estar distantes, para além das paredes do bunker”.

Por volta das 15h00, a 30 de Abril, os subordinados de Hitler ouviram um único tiro, proveniente das acomodações do seu líder. Algum tempo depois, o camareiro de Hitler, o Sturmbannführer das SS, Heinz Linge, surgiu tranquilamente com um corpo coberto com uma manta. Martin Bormann, o secretário privado de Hitler, líder do Partido Nazi e o segundo homem mais poderoso do Reich, seguiu-se-lhe, com o corpo de uma mulher. Os cadáveres foram transportados para o jardim, ao nível do solo, depositados numa cratera de bombardeamento e queimados com gasolina. Contudo, estes restos mortais nunca foram encontrados, alegadamente devido aos constantes bombardeamentos.

À noite, uma bandeira Soviética estava hasteada sobre o Reichstag. Parecia que Hitler e o seu Terceiro Reich tinham chegado ao fim.

A FUGA DE ADOLF HITLER

É um facto bem conhecido e documentado, que Hitler recorria muitas vezes a duplos, homens que se pareciam vagamente com ele, para certas apresentações públicas. Pauline Koehler, uma criada no Berghof de Hitler, em Berchtesgaden, insistia que conheceu pelo menos três homens que faziam de duplos para o fuehrer.

Terá Hitler recorrido a um duplo final no bunker? Afinal de contas, as poucas pessoas que testemunharam a sua morte eram fervorosos

Nazis, ansiosos de agradar aos seus captores – fossem russos, britânicos ou americanos – com o relato da morte do líder. Terá sido a estranha execução de Hermann Fegelein, o cunhado de Eva Braun, uma consequência do seu conhecimento sobre os planos de fuga de Hitler, com recurso a um duplo? Fegelein fugiu do bunker, mas afirmou que tencionava regressar, quando foi capturado por um grupo de busca das SS. Foi fuzilado por deserção num jardim da Chancelaria, por um pelotão de fuzilamento. E contudo, apenas dias antes, Hitler tinha incitado outros a tentar fugir. “Saíam! Saíam!”, gritou. “Vão para o Sul da Alemanha. Eu fico aqui. Está tudo acabado”. Porquê fazer de Fegelein a excepção?

As provas de que Fegelein estava na posse de conhecimentos secretos vieram de Kristina Reiman, uma actriz que se encontrou com ele em Berlim, a 27 de Abril. Ela contou ao autor Glenn B. Infield, que “ele estava muito preocupado. Tomámos várias bebidas juntos e ele não parava de insistir que havia dois Hitlers em Berlim... Pensei que ele estava bêbado. Antes dele se ir embora, contudo, disse que se Hitler descobrisse que ele, Fegelein, sabia o seu segredo, seria fuzilado”.

Forjar a morte de Hitler teria sido fácil. O duplo de Hitler podia ter sido transferido secretamente para o bunker a qualquer altura, antes do alegado suicídio. Após Hitler ter feito Eva ingerir o veneno – ou tê-lo feito a uma dupla dela – o duplo, vestido de Hitler, poderia ter sido morto a tiro, tendo sido depois colocada uma cápsula de veneno na sua boca, ter sido coberto por Bormann e recuperado pelo camareiro Linge, que poderia nem saber da tramóia.

Hitler poderia então ter passado do seu alojamento até uma pequena sala de conferências, a qual tinha uma pequena escada de acesso à superfície. Hitler tinha instruído Linge para esperar “pelo menos dez minutos, antes de entrar na sala”. Enquanto Linge e os outros esperavam à porta do quarto, num corredor, uma equipa do fuehrer e uma escolta das SS teria chegado a um compartimento escondido, aguardando pela escuridão.

A coberto da noite, Hitler poderia ter-se deslocado pela Strasse Hermann Goering, e cortar depois para a Tiergarten, para o Zoo, perto da Praça Adolf Hitler. A partir daí, poderiam ter seguido os carris para o Reichssportfeld e atravessado o Scharndorferstrasse, para a ponte Piechelsdorf, a uma curta distância do rio Havel, onde um hidroavião Ju-52 aguardaria pela comitiva do fuehrer.

De facto, um hidroavião Ju-52 aterrou no Havel na noite anterior, a pedido, via rádio, de alguém dentro do *fuehrerbunker*. Levantou voo nessa mesma noite. O autor Infield especula que isso terá sido um treino para a noite seguinte.

Uma vez fora de Berlim, um avião pode ter transportado Hitler para virtualmente qualquer local que não estivesse sob o domínio directo dos Aliados – Suíça, Espanha ou vários outros destinos amigáveis.

Mas será que isto aconteceu?

A história convencionalizada diz que Hitler e Eva Braun tiraram a própria vida dentro do Bunker – fim da história, apesar dos pequenos “senões” que surgiram desde o fim da guerra. A 17 de Julho de 1945, durante a Conferência Potsdam, o líder soviético José Estaline disse ao presidente dos Estados Unidos da América, Harry S. Truman, que Hitler não tinha cometido suicídio, mas que provavelmente tinha escapado. Anos mais tarde, os russos apresentaram fotos que alegavam ser do cadáver de Hitler e da sua esposa, que tinham sido prontamente cremados.

Hoje, apesar do destino de Hitler ser intrigante e, provavelmente será discutido durante anos, é imaterial, uma controvérsia. O que é certo, é que o legado de Hitler, o Nacional-Socialismo, perdura.

A HISTÓRIA DE COMO os Nazis, armados com tecnologias avançadas e com as maiores reservas de tesouro de sempre, conseguiram escapar à justiça no fim da Segunda Guerra Mundial, é talvez a maior história jamais contada do século XX.

Dos dias de Lyndon B. Johnson aos de George W. Bush, tem-se dito que a “América” se tem tornado “fascista”. A maior parte dos autores, onde me incluo também, descartam isto como uma retórica radical. Infelizmente, como verá mais à frente, isso pode não estar longe da verdade.

Os alemães foram derrotados na Segunda Guerra Mundial... Mas os Nazis não. Foram simplesmente forçados a se deslocarem. Espalharam-se pelos quatro cantos do mundo. Muitos deles emigraram para os Estados Unidos e integraram aquilo que o presidente Dwight Eisenhower apelidou de “complexo industrial-militar”.

Escaparam com a riqueza da Europa, bem como com a ciência de foguetões e mesmo com tecnologias mais exóticas. Alguma desta tecnolo-

gia era tão avançada, que ainda hoje permanece classificada como ultra-secreta pelo Governo dos E.U.A.

Tanto a ciência Nazi como as suas ideologias foram levadas para a América, no rescaldo da Segunda Guerra Mundial, com a ajuda dos mesmos globalistas que criaram primeiro o Nacional-Socialismo. Os seus planos coincidem com os dos velhos Illuminati Bávaros, que se pensou terem persistido durante muito tempo, após a época de George Washington. Mas, se a ordem morreu, o seu credo continua vivo – o poder e o controlo, através da riqueza, por qualquer meio necessário. Das sementes que os Nazis plantaram na América, durante a Guerra Fria, nasceu uma nova nação, uma que hoje se tornou na maior super-potência na história, mas que provocou também um ódio crescente nas outras nações do planeta, bem como a alienação e desavenças entre os seus próprios cidadãos.

No início do terceiro milénio depois de Cristo, pelo critério da maioria, a anteriormente livre república constitucional dos Estados Unidos tornou-se numa nação Nacional-Socialista, um império dos criadores do Terceiro Reich – um Quarto Reich. Se este pensamento parece duro e inacreditável, continue a ler. Tenha em mente que este trabalho não tem qualquer convicção política a defender, nenhuma teoria da conspiração a advogar e nenhum plano escondido. É uma colectânea de factos confirmados, que levam a certas conclusões, por mais desconfortáveis e pouco convencionais que possam ser.

Mas, primeiro, devemos entender a definição dos termos em consideração.

UMA DEFINIÇÃO DE TERMOS

Todos ouvimos falar do Terceiro Reich de Hitler, mas quanto aos Primeiro e Segundo Reichs?

O Primeiro Reich é conhecido como Sacro Império Romano, apesar de não ser sagrado, império ou sequer Romano. Foi fundado pelo rei Franco Carlos I, também conhecido como Carlos Magno ou Carlos, o Grande, que foi coroado imperador em 800 d.C. pelo Papa Leo III, depois de conquistar e anexar a maior parte da Europa, o que incluía a Alemanha, Suíça, Áustria, os Países Baixos, partes da França, Itália e Checoslováquia. Este império monarca, moldado a partir do Império

Romano e governado pelos Kaisers, ou “Césares”, existiu até 1806, quando Napoleão conquistou Berlim.

O Segundo Reich foi criado pelo Príncipe Otto von Bismarck, o Primeiro-Ministro da Prússia, que derrotou Napoleão III em 1871 e que se tornou no “Chanceler de Ferro”, que governava mais de 300 estados independentes. O Reich de Bismarck, no seu fim liderado pelo Kaiser Wilhelm II, durou até 1918 e terminou com a derrota do Poder Central da Alemanha e da Áustria-Hungria, na Primeira Guerra Mundial.

Com a subida ao poder de Adolf Hitler em 1933, este proclamou a Alemanha como o Terceiro Reich, sendo “Reich” a palavra alemã para Império. É interessante referir que se o “r” for escrito em minúsculas, a palavra “reich” quer dizer “rico” ou “riqueza”. Um “Reich” poderia significar, por isso, “um império dos ricos”.

O termo “Nazi” surge do acrónimo do “Nacional-Socialismo”. Isso foi conseguido ao combinar a primeira sílaba de “NAtional” com a segunda sílaba de “soZialist”, no nome Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei, o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. Este foi o pequeno partido político radical, que Hitler fez crescer para um sistema fascista, que ameaçou o mundo inteiro. O Nazismo é uma filosofia. Um dicionário recente define Nazi como uma pessoa que “defende pontos de vista racistas ou autoritários, ou que se comporte brutalmente”, ou ainda como “pertencente a alguma organização semelhante aos Nazis”.

Uma edição do *American Heritage Dictionary of the English Language* (Dicionário de Herança Americana da Língua Inglesa), define fascismo como “uma filosofia ou sistema de governo que advoga ou implementa uma ditadura de extrema direita, tipicamente através da fusão de estados e liderança empresarial, juntamente com uma ideologia de nacionalismo beligerante”. Lembre-se sempre que um atributo típico do fascismo é a fusão de estados e de liderança empresarial.

Ao ditador italiano Benito Mussolini é dado o crédito de ter cunhado a palavra “fascismo”, um nome tirado dos seus Camisas Negras fascistas, os *Fascisti*. Este termo deriva de um antigo símbolo Romano dos fachos, um conjunto de varas entrelaçadas, com uma saliente lâmina de machado. Eram um símbolo da autoridade central. Sob o fascismo, o indivíduo é subordinado ao Estado, geralmente encabeçado por um único líder.

Contudo, mesmo Mussolini realçou que “o primeiro estágio do fascismo seria mais bem designado como corporativismo, porque se trata da fusão

entre o estado e o poder corporativo”. No decorrer deste livro, a menção ao fascismo irá sempre aludir à fusão de Estado com o poder corporativo.

Na Itália fascista e na Alemanha Nazi, o Estado tomou o controlo das empresas. Na América moderna, as empresas tomaram o controlo do Estado.

O resultado final é o mesmo.

Mussolini afirmou “A máxima de que a sociedade apenas existe para o bem-estar e liberdade dos indivíduos que a compõe, não parece estar em conformidade com os planos da Natureza... Se o liberalismo clássico é sinónimo de individualismo, o fascismo é sinónimo de governo”.

O professor Thomas J. DiLorenzo, docente de Economia na Universidade de Loyola, em Baltimore, Maryland, escreveu “é importante reconhecer que, enquanto sistema económico, o fascismo foi amplamente aceite nos anos 20 e 30. As más acções dos indivíduos fascistas foram mais tarde condenadas, mas a prática do fascismo económico nunca o foi”.

As políticas partidárias, os slogans e as questões sociais são usados para distrair as massas. A finalidade da elite mundial é apenas uma – Poder. Eles procuram atingir e manter o poder que advém da grande riqueza, geralmente reunida através do monopólio ou controlo dos recursos básicos. As políticas e as questões sociais pouco importam à elite globalista que controla o mundo e que se movimenta com agilidade entre o mundo corporativo e os serviços governamentais. O desejo de riqueza, com o poder e controlo que lhe estão ligados, impulsiona as suas acções. É esta atenção inabalável ao comércio e à banca, que está por detrás de quase todas as ocorrências actuais do mundo. É a base para a “Nova Ordem Mundial” mencionada por Hitler e pelo ex-presidente George H. W. Bush.

Na América do século XXI, muitas pessoas pensadoras já testemunharam aquilo que parece ser uma reciclagem dos acontecimentos na Alemanha pré-Segunda Guerra Mundial: a destruição de uma estrutura nacional proeminente; legislação de emergência aprovada de forma apressada; o surgir de um dispositivo secreto de segurança nacional; tentativas de registar tanto as armas, como as pessoas, a par das agressões a países externos, impulsionadas por um nacionalismo fervoroso.

Tudo isto pode ser uma simples coincidência, um qualquer ciclo de sincronia da história. Mas trata-se também de um plano secreto, que está a ser implementado por indivíduos que têm uma agenda bem definida.

COMUNISMO VS NACIONAL-SOCIALISMO

Conforme documentado em *Governo pelo Secretismo* (Rule by Secrecy) os mesmos poderes financeiros que fizeram dos Estados Unidos a maior super-potência mundial, criaram também o Comunismo. Depois de uma revolução abortada em 1905, milhares de activistas russos foram exilados, incluindo os revolucionários Leon Trotsky e Vladimir Lenine. Após anos de tentativas de reforma, o Czar foi forçado a abdicar a 15 de Março de 1917, seguindo-se os motins em S. Petersburgo, que muitos crêem ter sido fomentados por agentes britânicos.

Em Janeiro de 1917, Leon Trotsky, um acérrimo seguidor de Karl Marx, estava a viver em instalações cedidas gratuitamente pela Standard Oil, em Baiona, Nova Jérnia. Trabalhava na cidade de Nova Iorque, como jornalista para o *The New World*, um jornal comunista. Trotsky fugiu da Rússia em 1905 e dirigiu-se a França, de onde foi expulso pelo seu comportamento revolucionário. "Rapidamente descobriu que havia banqueiros ricos em Wall Street, que estavam dispostos a financiar uma revolução na Rússia", escreveu o jornalista William T. Still.

Um destes banqueiros era Jacob Schiff, cuja família tinha vivido com a família Rothschild em Frankfurt, na Alemanha. De acordo com o *New York Journal-American*, "o neto de Jacob, John Schiff, estima que o seu avô adiantou cerca de 20 milhões de dólares, para o triunfo do Bolchevismo, na Rússia". Schiff, um banqueiro Rockefeller, financiou os japoneses na guerra de 1904/5 com os russos, pelo controlo da Manchúria, e enviou o seu emissário George Kennan à Rússia, para promover a sua revolução contra o Czar.

Outro caso foi o do senador Elihu Root, advogado do co-fundador da Reserva Federal, Paul Warburg, da Kuhn, Loeb & Company. Root, presidente honorário do reservado Conselho de Relações Internacionais e antigo Secretário de Estado dos E.U.A., que se movia suavemente entre a sua posição no Governo e a sua profissão de advogado na cidade de Nova Iorque, contribuiu com ainda mais 20 milhões de dólares, de acordo com registos do Congresso, datados de 2 de Setembro de 1919.

Schiff e Root não estavam sós. Arsene de Goulevitch, que estava presente nos primeiros tempos dos Bolcheviques, escreveu mais tarde, "em entrevistas privadas, foi-me dito que foram gastos mais de 21 milhões de Rublos pelo Lorde [Albert] Milner, no financiamento da Revolução

Russa". Milner, um alemão que se tornou estadista na Inglaterra, foi a força principal das Távolas Redondas de Cecil Rhodes, um precursor do Conselho de Relações Internacionais. A American International Corporation (AIC – Empresa Internacional Americana), formada em 1915, também ajudou a financiar a Revolução Russa. Os directores da AIC representavam os interesses dos Rockefeller, Rothchild, Du Pont, Kuhn, Loeb, Harriman e da Reserva Federal, bem como dos co-fundadores da Reserva Federal, Frank Vanderlip e George Herbert Walker, o bisavô materno de George W. Bush.

Trotsky deixou os Estados Unidos de barco, a 27 de Março de 1917 – apenas dias antes da América ter entrado na Guerra – juntamente com outros cerca de 300 revolucionários e com dinheiros fornecidos por Wall Street. Trotsky, cujo nome verdadeiro era Lev Davidovich Bronstein, estava sob vigilância por agentes britânicos, que suspeitavam que ele estivesse a trabalhar para os serviços secretos alemães, desde a sua estadia na Viena do pré-guerra. Num discurso antes de sair de Nova Iorque, Trotsky afirmou, "Vou voltar à Rússia para derrubar o governo provisório e para parar a guerra com a Alemanha".

Quando o navio que transportava Trotsky e o seu grupo parou em Halifax, na Nova Escócia, ele e os seus fundos foram retidos pelas autoridades Canadianas, que temiam justamente que uma revolução na Rússia pudesse libertar as tropas alemãs para combater os seus soldados na Frente Ocidental. Mas esta bem fundamentada preocupação foi contornada pelo alter ego do Presidente Woodrow Wilson, o Coronel Edward Mandell House, que disse ao chefe dos Serviços Secretos Britânicos, Sir William Wiseman, que Wilson queria que Trotsky fosse libertado. A 21 de Abril de 1917, menos de um mês depois dos Estados Unidos terem entrado na guerra, o Almirantado Britânico ordenou a libertação de Trotsky, que, munido de passaporte americano autorizado por Wilson, continuou a sua viagem rumo à Rússia e à história.

Na mesma altura, também Lenine abandonou o exílio. Ajudado pelos alemães e acompanhado por 150 revolucionários treinados, "foi posto no infame 'comboio selado' na Suíça, juntamente com pelo menos 5 milhões de dólares", de acordo com Still. O comboio passou com livre-trânsito através da Alemanha, conforme foi providenciado pelo banqueiro alemão Max Warburg (irmão de Paul Warburg, co-fundador do Sistema de Reserva Federal e responsável pelas finanças americanas no decorrer

da Primeira Guerra Mundial), juntamente com o Alto Comando Alemão. Como Trotsky, Lenine foi sinalizado como agente alemão, pelo governo de Alexander Kerensky, o segundo governo provisório criado após a abdicação do Czar. Em Novembro de 1917, Lenine e Trotsky, apoiados por fundos ocidentais, instigaram com sucesso a revolta e apoderaram-se do Governo Russo, para os Bolcheviques.

Mas o controlo comunista sobre a Rússia não estava seguro. Os conflitos internos entre os “vermelhos” e os “brancos” durou até 1922 e custou perto de 28 milhões de vidas de russos, um valor muitas vezes superior ao das vítimas da guerra. Lenine morreu em 1924, de uma série de ataques cardíacos, depois de estabelecer a Terceira Internacional, ou Comintern, uma organização criada para exportar o Comunismo para o resto do mundo. Trotsky fugiu da Rússia quando Estaline tomou para si o poder ditatorial e, em 1940, foi assassinado no México, por um agente de Estaline.

Alguns autores da conspiração vêem dois objectivos por detrás do financiamento dos Bolcheviques. É claro que revolucionários como Trotsky e Lenine foram usados para tirar a Rússia da guerra, em benefício da Alemanha. E que o Comunismo estava a ser apoiado pelos globalistas, para fazer avançar o seu plano de criar tensão entre o Ocidente Capitalista e o Socialismo de Leste.

A. K. Chesterson, um jornalista e político britânico de direita, que em 1933 aderiu à União Britânica de Fascistas de Oswald Moseley, afirmou que para se perceber de política, deve estudar-se as elites do poder. “Estas elites, que preferem trabalhar em privado, raramente são registadas pelos fotógrafos e as suas influências sobre os acontecimentos têm de ser deduzidas daquilo que as suas agências conhecidas fazem”. Uma vez escreveu na sua revista, *Candour*, “por vezes o capitalismo e o comunismo parecem estar em conflito, mas este escritor está confiante que os seus interesses são comuns e que irá eventualmente haver uma fusão, para um controlo mundial”.

Por causa das facções em guerra da Rússia pós-revolucionária, enviar uma delegação oficial à Rússia era problemático. Assim, os financiadores americanos foram sob a forma de uma missão da Cruz Vermelha Americana. Um dos chefes deste grupo foi Raymond Robins, descrito como o “intermediário entre os governos Bolchevique e Americano” e como “o único homem que Lenine estava sempre disposto a ver e que conseguia

impor a sua própria personalidade ao impassível líder Bolchevique”. Lenine, aparentemente, percebeu que estava a ser manipulado. “O Estado não funciona como desejávamos”, escreveu certa vez. “Um homem está ao volante e parece conduzi-lo, mas o carro não segue na direcção desejada. Move-se conforme os desejos de outra força”. Esta outra “força” eram os globalistas por detrás do próprio Comunismo, “capitalistas do monopólio financeiro”, como Lenine lhes chamou.

“Um dos maiores mitos da história contemporânea é o de que a Revolução Bolchevique foi uma revolta popular das massas oprimidas contra a classe governante dos Czares”, escreveu o autor G. Edward Griffin. “...Contudo, o planeamento, a liderança e particularmente o financiamento, vieram inteiramente de fora da Rússia, maioritariamente de investidores da Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos”.

A fuga da elite russa privilegiada em 1918 enviou ondas de choque para as principais capitais da Europa e mesmo na América, promovendo uma reacção que ecoou por décadas. O lema “Trabalhadores do Mundo, uni-vos!” infligiu o medo nos capitalistas da indústria Ocidental, nos banqueiros e no comércio, que não estavam dentro da jogada. Este medo pingou através dos seus representantes políticos, funcionários e até praticamente todos os lares.

Os acérrimos investigadores da conspiração ficaram confundidos durante anos; sobre o porquê de capitalistas de alto nível como os Morgan, Warburg, Schiff e Rockefeller podiam pactuar, muito menos apoiar, uma ideologia que desafiava abertamente as suas posições e riqueza. O autor Gary Allen explicava, “na Revolução Bolchevique, temos alguns dos homens mais ricos e poderosos do mundo a apoiar financeiramente um movimento que afirma que a sua própria existência se baseia no conceito de tirar a riqueza a homens como Rothschild, Rockefeller, Schiff, Warburg, Morgan, Harriman e Milners. Mas obviamente, estes homens não temem o Comunismo internacional. É lógico afirmar que, se não o temem e se o financiaram, é porque o controlam. Poderá haver outra explicação a fazer sentido?”

As animosidades inventadas entre as democracias do Ocidente e o Comunismo de Leste, geraram uma tensão contínua desde 1918 até ao final do século XX. Mas ameaçava começar a descontrolar-se. Alguns investigadores afirmam que a ameaça do Socialismo Comunista Mundial fez com que os globalistas se virassem para os Nacionalistas alemães.

Financiaram o Nacional-Socialismo na Alemanha e viam uma Alemanha armada como uma Alemanha Superior, uma barreira ao comunismo na Europa. O Nacional-Socialismo foi uma forma de Socialismo quase indistinguível do comunismo, com a única distinção a ser o facto de estar restrito às fronteiras geográficas nacionais. Sob o Nacional-Socialismo, os globalistas podiam virar as nações umas contra as outras. Mas, depois do sucesso militar alemão na Polónia, Países Baixos e França, os globalistas aperceberam-se que enfrentavam o mesmo problema que tinham com os comunistas. Uma vitória total da Alemanha iria resultar num sistema mundial de Nacional-Socialismo, incapaz de produzir as tensões e conflitos necessários para maximizar o lucro e o controlo. Temiam também que a União Soviética de Estaline estivesse prestes a lançar um ataque à Europa Ocidental. Apenas a Alemanha de Hitler tinha as forças para impedir isso.

A dada altura, os globalistas determinaram que o Eixo, depois de ter travado a invasão russa da Europa, devia perder a guerra. Também começaram a engendrar planos para a sobrevivência e renovação de uma nova forma de Nacional-Socialismo, uma que não dependesse do racismo ou da etnia. A trabalhar com os mesmos financiadores e capitalistas que ajudaram a construir o Nazismo Alemão, estes globalistas começaram a construir as fundações para o Quarto Reich.

Os investigadores da conspiração suspeitam há muito que um dos elementos desta influência alemã se tem centrado na misteriosa sociedade secreta Caveira e Ossos (Skull and Bones), uma fraternidade do campus da Universidade de Yale. Com denominações como Capítulo 322 ou Irmandade da Morte, a ordem foi trazida da Alemanha para Yale em 1832, pelo General William Huntington Russel e Alphonso Taft.

(O primo de Russel, Samuel Russel, era uma parte integrante da Guerra do Ópio, instigada pelos britânicos, na China. Taft, Secretário da Guerra em 1876, Procurador Geral dos E.U.A. e embaixador na Rússia, foi o pai de William Howard Taft, a única pessoa a ser Presidente e Chefe de Justiça nos Estados Unidos. Outro membro proeminente da Ossos foi Averell Harriman, que foi descrito como “um homem no centro da classe governante americana” e que desempenhou um importante papel no estabelecimento de um novo império americano.)

Um panfleto que detalhava uma investigação em 1876 do centro de operações da Caveira e Ossos, em Yale, conhecido como “O Túmulo” por

uma sociedade secreta rival, afirmava, “...o seu fundador [Russell] estava na Alemanha antes do seu último ano de faculdade e formou uma calorosa amizade com um dos membros mais importantes da Sociedade Alemã. Trouxe consigo o conhecimento para fundar aqui uma sede. Foi assim que a Ossos começou”.

A sociedade secreta alemã pode ter sido mesmo os misteriosos e infames Illuminati. Ron Rosenbaum, antigo estudante em Yale e um dos poucos jornalistas a ter um olhar sério perante a Caveira e Ossos, notou que o emblema oficial da Ordem, consistindo numa caveira com duas tíbias cruzadas, é também o brasão dos Illuminati. Num artigo de jornalismo de investigação para a revista *Esquire*, Rosenbaum escreveu: “Parece que encontrei provas definitivas, ou se quisermos, até à medula, que existem ligações entre as origens de rituais da Ossos e os dos famosos Illuministas Bávaros... [que] tiveram uma existência histórica real... De 1776 a 1785, foram uma sociedade secreta esotérica, com os mais místicos pensadores livres dos Franco-Mações alemães”.

Outros investigadores concordam que a Ordem são simplesmente os Illuminati disfarçados, uma vez que os emblemas maçónicos, os símbolos, os slogans alemães e mesmo a disposição da sua sala de iniciação, são todos idênticos àqueles encontrados nas Lojas Maçónicas Alemãs, associadas aos Illuminati. O Túmulo está decorado com gravações em alemão, tais como “*ob Arm, Ob Reich, im Tode Gleich*” – “Pobres ou ricos, somos todos iguais na morte”. De acordo com o *U.S. News & World Report*, uma das canções tradicionais dos homens da Ossos é cantada sobre a música de “*Deutschland Über Alles*”.

Os Illuminati Bávaros foram fundados a 1 de Maio de 1776, por Adam Weishaupt, professor de lei canónica na Universidade de Ingolstadt, da Bavária, na Alemanha. Os seus Illuminati eram opositores àquilo que entendiam como a tirania da Igreja Católica e os governos nacionais que esta apoiava. “O homem não é mau”, escreveu Weishaupt, “exceptuando que é tornado mau pela moralidade arbitrária. É mau por causa da religião, do Estado e dos maus exemplos que o pervertem. Quando a razão se tornar na religião dos homens, então será resolvido o problema”.

Weishaupt também evocou uma filosofia que tem sido usada com resultados terríveis, ao longo dos anos de Hitler e de muitos outros tiranos. “Contemplem o nosso segredo. Lembrem-se que os fins justificam os meios”, escreveu, e que “os sábios devem usar todos os meios para fazer

o bem, que os perversos usam para fazer o mal". Assim, para os esclarecidos – ou "Iluminados" – quaisquer meios para atingir os seus fins são aceitáveis, mesmo que incluam o engano, o roubo, assassinio ou a guerra.

A chave para o controlo dos Illuminati é o secretismo. "A grande força da nossa Ordem reside na ocultação. Que nunca apareça em nenhum lugar o seu próprio nome, mas sempre encoberta por outro nome e por outra ocupação", afirmou Weischaup. Ele não só enganou o público, mas lembrou aos seus principais líderes, que deviam esconder dos iniciados, as suas verdadeiras intenções, ao "falar por vezes de uma forma, por vezes de outra, para que o propósito fosse impenetrável para os inferiores".

Em 1777, Weischaup imprimiu a sua marca do Iluminismo na Franco-Maçonaria, ao juntar-se à Ordem Maçónica da Loja de Teodoro do Bom Conselho, em Munique. Esta loja integrava-se nas Lojas do Grande Oriente que, de acordo com vários investigadores, estavam no centro da penetração Illuminati na Franco-Maçonaria. Em 1783, o Governo Bávaro encarou os Illuminati como uma ameaça directa ao poder instituído e classificou a organização como ilegal, o que motivou muitos dos seus membros a fugir da Alemanha, o que ajudou a disseminar ainda mais as suas filosofias, por outros locais.

Muitos investigadores acreditam que os Illuminati ainda existem hoje em dia e que os objectivos da Ordem são, nada mais nada menos, que a abolição de todos os governos, da propriedade privada, das heranças, do nacionalismo, da unidade familiar e da religião organizada. Esta crença provém parcialmente da noção dos intrigantes e muito denunciados *Protocolos dos Sábios de Sião* - usados geralmente, desde a sua publicação em 1864, para justificar o anti-semitismo - serem na realidade um documento Illuminati, com elementos judaicos adicionados à posteriori, para fins de desinformação. "Apesar dos Illuminati terem desaparecido da vista do público, o aparelho monolítico estabelecido por Weischaup pode ainda existir hoje", comentou o autor William T. Still. "Seguramente, os objectivos e métodos de funcionamento ainda existem. Se o nome Illuminati ainda existe ou não, isso é irrelevante".

Ninguém pode duvidar que o Socialismo, tivesse ou não sido inspirado pelos Illuminati, chegou aos Estados Unidos e que o Socialismo é a base da filosofia Nazi. Começando por programas aparentemente inócuos, como a Segurança Social, e continuando através de uma miríade de programas governamentais, como o Medicare, subsídios agrícolas, sistema

de apoio à alimentação (food stamps) e apoios aos estudantes, parece que todos os aspectos da vida quotidiana envolvem um Governo Federal centralizado, o qual, desde os ataques do 11 de Setembro, continua a atribuir cada vez mais poder a si próprio. O *USA Today* relatava, "tem-se verificado uma expansão avassaladora de programas sociais desde 2000, o que se traduz num número recorde e crescente de americanos que recebem benefícios do governo federal, tais como ajuda para os estudos, apoio à alimentação e cuidados de saúde. A análise do *USA Today*, dos 25 maiores programas governamentais descobriu que as inscrições para os apoios aumentaram em média 17%, entre 2000 e 2005".

O Socialismo chegou à América, porque os Nacional Socialistas da Nova Ordem Mundial reconhecem que qualquer programa social precisa de uma autoridade central. E sabem muito bem que, com a sua imensa riqueza e poder, podem controlar qualquer autoridade central. Ao longo dos anos, mascararam este aspecto do Socialismo, com distrações de apelo ao Nacionalismo. Os norte-americanos são constantemente bombardeados com a ideia de que são a melhor nação à face da Terra, o epítome da liberdade e da democracia. O Patriotismo tem sido usado para alimentar o fogo do Nacionalismo entre os americanos. Hoje, seja quem for que critique as políticas externas, as intervenções militares noutros países ou mesmo a política nacional, sujeita-se a ser acusado de não ser patriótico.

É possível que os Estados Unidos se estejam de facto a tornar no Quarto Reich, a continuação da filosofia de Nacional-Socialismo, que se pensava vencida há mais de meio século. Este conceito poderá parecer absurdo para aqueles que não conseguem ler nas entrelinhas da desinformação despejada diariamente pelos *mass media* controlados pelas empresas, a maior parte das quais pertence às mesmas famílias e corporações que apoiaram os Nazis antes da Segunda Guerra Mundial.

Muitos descrevem aquilo que vêem hoje em dia como "neo-Nazismo", o movimento para ressuscitar o Nacional-Socialismo. Mas isto é uma designação errada. Não há nada de "neo", ou de novo, sobre esta tendência. O Nacional-Socialismo nunca morreu. As filosofias do fascismo estão vivas e activas na América moderna. Infelizmente, as gerações mais novas não conseguem compreender as nuances das diferenças entre o fascismo, o poder corporativo, a democracia e a república democrática.

Apesar dos E.U.A. terem ajudado a derrotar os alemães na Segunda Guerra Mundial, não derrotou os Nazis. Muitos milhares de altas patentes Nazis foram para a América, sob um programa anteriormente classificado como secreto, o Projecto Paperclip. Muitos outros Nazis e criminosos de guerra estabeleceram-se em vários outros países e muitos viajaram mesmo com passaportes emitidos pelo Vaticano. Trouxeram com eles tecnologias milagrosas, tais como os foguetões V-2, mas trouxeram também a ideologia Nazi. Esta ideologia, baseada na premissa Illuminati de que os fins justificam os meios, inclui guerras não provocadas, agressão e limitação das liberdades individuais, e tem vigorado na "Terra dos Livres, Lar dos Bravos".

Os Nazis de topo, juntamente com os seus jovens e fanáticos protegidos, usaram os saques da Europa para criar empresas de fachada em muitos países, incluindo Espanha, Portugal, Suécia, Turquia e Argentina. Só na Suíça, foram criadas mais de duzentas empresas de fachada, tornando-se esta no centro bancário de eleição para gerir o dinheiro Nazi, antes, durante e depois da guerra. Recorrendo à riqueza roubada da Europa, o que pode ter inclusivamente incluído o lendário Tesouro de Salomão, homens de mentalidade e passado Nazi infiltraram-se na América corporativa, comprando lentamente empresas e consolidando-as em conglomerados de multinacionais gigantes. Tiveram pouca resistência dos líderes corporativistas, que os apoiaram em anos anteriores e que não resistiram à tentação dos lucros obscenos. Nem foram sinalizados pelos outros, que se tornaram demasiado receosos da "ameaça comunista". Com o tempo, todos se tornaram parceiros, numa nova visão da América.

